

reflexões sobre

ARTEvisual

v.5 n.3 fevereiro 2024

***Ambientalismo
e
Obras de Arte.***

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO



Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Projeto de Ensino: Resolução N.476 – CAS/FAALC/UFMS, 09/08/21

Edição:

Reflexões Vol.5, No.3, fevereiro 2024 – Ambientalismo e Obras de Arte.

Periodicidade: quinzenal

Campo Grande - MS

Capa: Imagem invertida digitalmente em negativo de extintor utilizado para borrifar tinta numa loja de carros em Londres, Inglaterra em 2022.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com



28 de janeiro de 2024: Mona Lisa toma um banho de sopa. A fama da pintura de Leonardo da Vinci parece atrair tanto o louvor de fãs quanto a ira de vândalos e agora de manifestantes. Sua história desde o seu famoso roubo em 1911, a transformou numa celebridade e ícone pop, males da fama. Como se vê, não houve qualquer dano a ela, mas viralizou.

Ações vitimando Obras de Arte, vêm se intensificando em vários países europeus desde 2022. A maioria delas promovidas pelo grupo britânico de ativismo ambiental “*Just Stop Oil*”. As manifestações do grupo, no Reino Unido, são contra a extração de petróleo e gás, requerem do governo o compromisso de não liberar a exploração e extração de combustíveis fósseis no país.



Antes de tocar no assunto, propriamente dito, vale a pena refletir um pouco à respeito de duas questões: Vandalismo e Ativismo. Pode-se dizer, grosso modo, que Vandalismo se refere a qualquer ato de depredação que tenha como motivação apenas a destruição, sem causa aparente ou justificada e Ativismo os atos que visam reflexão ou atenção para problemas amparados em aspectos sociais, políticos e ideológicos. Obviamente vai muito além disto.

O ato de destruição da memória é uma praxe herdada da antiguidade. Entre grupos combatentes o vencedor, por hábito destruía os monumentos, as edificações e se apropriava do espólio da guerra. A questão era dominar e eliminar o outro, mesmo que simbolicamente. Esta conduta bélica ainda é praticada, sabe-se que na 2ª. Guerra Mundial, os nazistas destruíram muitas Obras de Arte e se apropriaram de outras tantas.

Guerras recentes no Oriente Médio, saquearam museus e coleções públicas ou privadas cujas obras foram vendidas até em sites na internet. Logo apropriar, depredar, vandalizar e destruir é um mau hábito humano, desde sempre. Este tipo de comportamento pode ser confirmado com o ataque recente à praça dos Três Poderes, em Brasília, no 8 de janeiro de 2023. Onde edificações, mobiliário e Obras de Arte sofreram.

Este é um ato típico de Vandalismo, ou seja, promover a destruição por motivos ideológicos ou políticos. Neste caso, um contrassenso inusitado: uma horda autodenominada de patriotas depreda os símbolos da pátria. O estopim parece ter sido uma espécie de vingança política contra o resultado das urnas de 2022 que levou a atos antidemocráticos e a uma tentativa de golpe de estado. A justiça e a história esclarecerão tais ações.



Da janela quebrada do Prédio do STF, vê-se a escultura "A Justiça", criada pelo artista mineiro Alfredo Ceschiatti, e depredada nos atos golpistas de 8 de janeiro de 2023. Crédito: Fellipe Sampaio/SCO/STF

Não se pode menosprezar os atos típicos de vandalismo que acometem Obras de Arte, uma modalidade que parece ser um comportamento recente, em 1972, Laszlo Toth atacou brutalmente à marteladas a “*Pietà*” de Michelangelo na Basílica de S. Pedro no Vaticano. A obra foi levada a restauro e só voltou à exibição após dez meses. Isto têm ocorrido com frequência desde 2022.



O ataque causou danos reais à Obra centenária. Diferente das intervenções dos ativistas ambientais, que requerem no máximo uma boa limpeza.

Em 2022, na Alemanha, um milionário adquiriu um desenho de Frida Kahlo, digitalizou-o e o converteu em 10.000 tokens não fungíveis para vendê-los. Não satisfeito com isto, promoveu uma grande festa onde queimou o desenho num *drink* diante dos seletos convivas. Esta é a primeira vez que alguém promove um ato de vandalismo destinado a promover lucro no mercado de bens digitais.



Aqui o momento em que o desenho é queimado no coquetel.

<https://portaldobitcoin.uol.com.br/milionario-poe-fogo-em-obra-de-frida-kahlo-avaliada-em-r-54-milhoes-para-vender-nfts-confira-video/>

Só para lembrar, no Volume 2, número 3, de 2021, publiquei em Reflexões – Mona Lisa: Superstar! Onde toco na questão da fama adquirida pela pintura e falo das adversidades dela decorrentes, como a vítima preferencial de atentados contra Obras de Arte. Hoje, basta proferir improperios diante dela para conseguir os 15 minutos de fama que prognosticou Andy Warhol.

Vítima de pedrada, ácido, arremesso de xícara, chá, bolo, torta e finalmente sopa de tomate. Enfim, não só de glórias vive uma celebridade. Só falta quererem cancelá-la por abuso da fama... Nesta linha de raciocínio, simplesmente posar diante da famosa pintura ou pior, agredi-la, é suficiente para viralizar nas redes sociais e catalisar a atenção em prol da fama espúria ou vaidosa.

Aqui no país um ataque emblemático contra Obras de Arte aconteceu em 2016 quando oito esculturas do século XIX, em homenagem às estações do ano, de autoria desconhecida, que circundavam o Lago da Cruz de Malta, no Jardim da Luz, na cidade de São Paulo, próximo à Pinacoteca do Estado, foram barbaramente depredadas. Não houve, por parte de qualquer grupo ou indivíduo a declaração da autoria e, até hoje, não há qualquer informação sobre os motivos.

A artista Giselle Beiguelman reabre o debate em torno do assunto com a instalação: *“A chacina da Luz”* em 2019.

Conta Giselle: *“Quando me deparei com elas, tive a sensação de ver uma série de corpos mutilados e decepados um ao lado do outro. Dessa visão surgiu o título da instalação: Chacina da Luz”*.



Estátuas depredadas no Jardim da Luz, em São Paulo, que voltaram para a cidade na instalação "*Chacina da Luz*". Criada pela artista Giselle Beiguelman, no Solar da Marquesa de Santos, sede do Museu da Cidade de São Paulo. Fotos: Marcos Santos/USP Imagens



<https://saopauloantiga.com.br/esculturas-desapareceram>

Contudo, nem só de vandalismo vivem as intervenções. A questão da proteção da natureza, foco do Ativismo Ambiental, não é nova, Willian Michael, cita em seu livro "*Dark ages and dark areas: global deforestation in the deep past*". In: *Journal of Historical Geography*, 2000, uma fala atribuída a Platão: "o que hoje resta (de florestas) comparado com o que havia é como o esqueleto de um homem doente: toda a gordura e a carne tenra se foram, deixando apenas a moldura nua da terra".

Percebe-se que a consciência sobre a proteção da natureza não é uma coisa nova, desde a antiguidade vários povos e civilizações já tinham a certeza de que o meio ambiente era essencial à vida no planeta e, o ser humano, como usuário, devia conservá-la e preservá-la. Contudo a passagem da consciência ambiental para ações dedicadas a preservá-lo levaram mais de cinco mil anos para acontecer.

Não há dúvidas de que um cataclisma climático, para ser redundante, está prestes a ocorrer ou já está ocorrendo. As ações dedicadas a suspender a exploração intensa e desordenada do meio ambiente estão demorando muito e não há qualquer indício que ocorrerão nos próximos anos. Os sistemas econômicos e políticos não têm interesse nenhum em empreender qualquer controle sobre isto.

Um esboço de movimentos não governamentais dedicados a chamar a atenção em defesa do meio ambiente só vão surgir, de fato, a partir das décadas de 60-70 do século passado, mesmo assim adotando atitudes mais contestatórias do empreendendo ações efetivas. O *Green Peace* surge na década de 70, no Canadá e se tornou o grupo ambientalista mais combativo na atualidade.

A constatação dos efeitos do capitalismo desenfreado sobre o meio ambiente, o surgimento e ações dos grupos de proteção ambiental levaram os países a se posicionarem em relação ao tema e, principalmente, levou a Organização das Nações Unidas e tomar atitudes criando programas internacionais dedicados à pesquisa e ações de proteção ambiental. Bem como as conferências climáticas.

Em 1983 a ONU criou a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente. Um de seus primeiros resultados foi o Relatório Brundtland que destacou a relação entre exploração desenfreada do meio ambiente cujos danos ambientais produziam pobreza e subdesenvolvimento e apresentou o conceito de desenvolvimento sustentável, algo inovador para o mundo capitalista. No entanto, são só letras.

Em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro, conhecida como Rio-92 ou ECO-92, gerou vários documentos como: *a Carta da Terra, a Declaração do Rio sobre Ambiente e Desenvolvimento, Convenção sobre a Biodiversidade e Convenção sobre as Mudanças Climáticas e a Agenda 21.*

Tais documentos criavam o compromisso entre as nações signatárias de reduzirem as emissões de poluentes, melhorar os processos de ocupação e exploração ambiental e outras condutas que possibilitariam reduzir os males causados pela exploração desordenada e predatória na produção de riqueza e super produção de pobreza, miséria, subdesenvolvimento e depredação ambiental, mas também são apenas letras.

Nesta linha de raciocínio, ou seja, faz-se tudo para que as nações predatórias reconheçam seus erros, sua intervenção, destruição e comprometimento do meio ambiente e da vida neste meio, contudo tais nações pouco têm feito para reduzir, remediar, alterar seus sistemas produtivos no ritmo que as alterações do meio ambiente requerem. A consequência é a intensificação das variações climáticas.

Nem mesmo as mostras dadas pela natureza por meio da intensificação das variações climáticas tem intimidado o poder das grandes corporações em manipular seus governos para garantir a obtenção de seus lucros e a manutenção de seus modelos deletérios, é nesta linha de compreensão que algumas ONGs adotaram condutas mais agressivas contra a ineficiência do estado frente às grandes corporações.

Neste sentido, há uma tendência dos grupos dominantes, da economia e da política global, de classificarem tais movimento como “ecoterroristas” ou “ecofacistas”, usando a velha lógica de atribuir o mal que lhes cabe a outrem, ou seja, os culpados culpam os inocentes. Potanto, um grupo que busca mediatizar suas ações para chamar a atenção e promover a consciência ambiental é criminoso.

Ao contrário, devastar o meio ambiente, promover a poluição ambiental inundando o mar de plástico, depredando as nascentes com veneno e tornando a água imprópria para a vida natural e consumo humano entre outras condutas já identificadas e constatadas como predatórias, acabam não sendo responsabilizadas nem punidas como crimes ambientais, mas aceitas como efeitos colaterais do desenvolvimento.

É preciso deixar claro que, eticamente, um mal não autoriza outro. O problema é perceber que apenas um lado age eticamente e outro não se importa nem um pouco em respeitar ou desrespeitar o outro, isto leva a um estado de descrença no qual o inconformismo passa a estimular atitudes mais efetivas e perceptíveis pelo contexto social, mesmo sendo pouco recomendáveis.

É o que parece estar acontecendo nos últimos anos com relação ao grupo ambientalista aqui citado: manifestações politicamente corretas parecem não surtir efeitos, portanto, adotar condutas mais agressivas, parece ser o caminho para o qual tais instituições tem sido levadas. Repito, não se pode justificar ou normalizar tais condutas, mas é preciso ponderar que a inação do estado pode levar a radicalização.

Desde 2022, ativistas ambientais têm tomado atitudes agressivas em relação a Obras de Arte famosas. Especialmente as que estão expostas em grande museus pelo mundo. Em 2022 a primeira vítima foi Mona Lisa de Da Vinci, atacada por um homem que lhe atirou uma torta. Obviamente não houve danos à obra, já que ela é protegida por vidro blindado, o efeito foi apenas midiático e viralizou nas redes sociais.



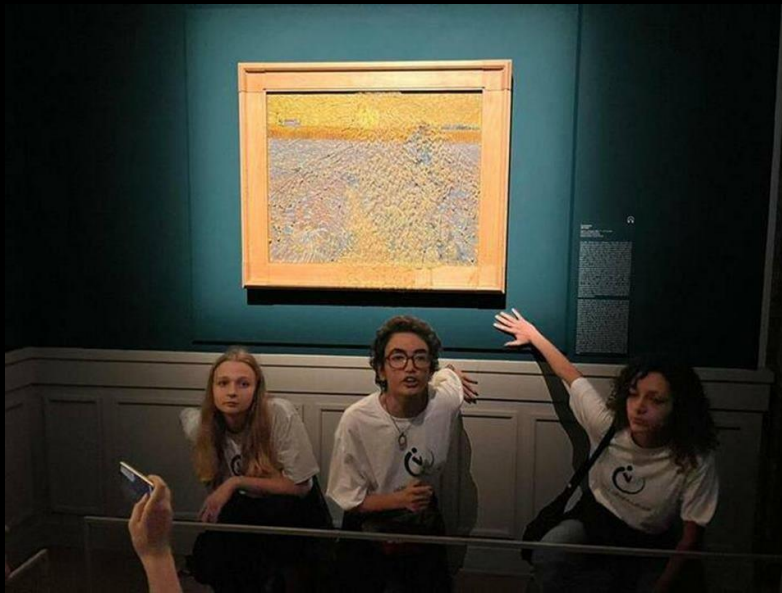
<https://cartaodevisita.r7.com/conteudo/40163/homem-joga-torta-na-obra-mona-lisa-no-museu-do-louvre-em-paris>



Depois foi a vez de Van Gogh, quando as ativistas Phoebe Plummer, à esquerda e Anna Holland, à direita, jogaram sopa de tomate no quadro Girassóis, na Galeria Nacional, em Londres — Foto: JUST STOP OIL



Depois foi a “*Morte e Vida*” de Gustav Klimt, exposta no Museu Leopold em Viena, que recebeu um banho de óleo de manifestantes do grupo “Last Generation” sobre o vidro que a protege.



Ativistas italianos, também do grupo Última Geração, jogam sopa de legumes no quadro “O Semeador” de Vincent Van Gogh, exposto no Palácio Bonaparte, em Roma.



O grupo “Última Geração”, também atirou purê de batata em uma obra de Claude Monet no museu de Potsdam, cidade nos arredores de Berlim, na Alemanha. A obra não foi prejudicada pois também estava protegida por vidro.



Ativistas climáticos do grupo “Ultima Geração” protestaram contra o descaso em relação às alterações climáticas colando as mãos na obra “*Primavera*” de Sandro Botticelli, na Galeria Uffizi, em Florença. Não houve prejuízo à Obra.



Dois ativistas climáticos, do grupo “Just Stop Oil”, interferiram colocando sobre a tela uma versão apocalíptica e colaram suas mãos na moldura do quadro “*A Carroça de Feno*”, de John Constable, na National Gallery, em Londres.



Cinco ativistas "colaram" suas mãos na moldura de uma Cópia, em tamanho real, da obra "A Última Ceia", de Leonardo da Vinci, na Royal Academy of Arts de Londres.

Foto: DW / Deutsche Welle



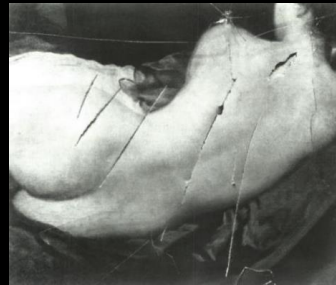
Ativista cola sua cabeça no quadro “*Moça com brinco de pérolas*” de Vermeer enquanto outro verte sobre ele uma lata de sopa de tomate. No Museu Mauritshuis em Haia. Não houve danos à obra.



Em 2023 a onda de assédio às Obras de Arte continua. A obra Claude Monet “*Le jardin de l’artiste à Giverny*”, 1900, no National Museum em Estocolmo é atacada com tinta vermelha, como tem sido de hábito, o dano só ocorreu sobre o vidro de proteção.



Centro Cultural de Belém, em Lisboa, teve a obra “*Femme dans un fauteuil*”, de Picasso, atacada com tinta vermelha por dois ativistas ambientais da “*Climáxico*”. A obra não sofreu danos.



Dois ativistas da Just Stop Oil atacaram a marteladas a obra “*Vênus do espelho*” de Velasquez na National Galery de Londres. Um século antes, a mesma obra havia sido atacada pela sufragista Mary Richardson em 1914. Houve apenas danos ao vidro.



Recentemente, em janeiro de 2024, ativistas do grupo “Resposta Alimentar”, dedicado a ações de proteção à alimentação e ao meio ambiente, jogaram suco de tomate contra, de novo, a Mona Lisa de Da Vinci, no Louvre em Paris.

O que se percebe é frequência com que tais ações têm sido empreendidas. Contudo, há dúvidas quanto à eficiência de tais ações, neste sentido, há duas linhas de raciocínio que podem servir de reflexão: Uma delas pode considerar a eficiência da difusão midiática nas redes sociais, talvez esta seja a mais positiva delas, outra é a rejeição que o ataque a bens culturais pode provocar em parte do público.

Mesmo que tais ações não representem, de fato, danos às Obras de Arte, ainda assim gera uma propaganda reversa. Um ato de caráter agressivo, mesmo em prol de boas causas, é um motivo para que o conservadorismo vigente se aproveite disto para denegrir a motivação das causas ambientais. Pintar os ativistas de ecoterroristas e ecofacistas são as críticas que têm sido feitas em relação a estas intervenções.

A ineficiência e falta de respostas do estado em relação às questões sociais e ambientais levam a um estado de descrédito e de desânimo que tende a gerar ações deletérias como as que se vê contemporaneamente. Por outro lado, o engajamento dos artistas nas questões sociais e ambientais têm sido tímidas nas últimas décadas. O mercado parece ser ainda o grande motivador para muitos deles.

Mesmo quando alguns tomam por tema ou proposição questões que tocam nestes problemas, não demora muito para que o sistema econômico se aproprie deles fazendo-os parecer aliados e não críticos. Basta ver artistas com posicionamento político-ideológico que foram transformados quase que em grifes ou marcas comerciais e suas temáticas diluídas pela mídia como mero inconformismo.

Para manter o *status quo* é necessário que se tenha um mínimo de oposição para iludir o senso comum criando efeito de sentido de liberdade e democracia, desde que as coisas permaneçam como estão, tudo está bem. No entanto, o processo de extração, trabalho e produção instaurados desde os processos colonizatórios, baseado na ocupação territorial e o extrativismo desenfreado se tornaram chagas incuráveis.

Até hoje as mazelas provocadas pela imposição deste modelo ainda repercute no meio ambiente e na indignação da sociedade em alguns países. Isto talvez explique, em parte, o ativismo ambiental que vem se tornando, não só uma estratégia agressiva, mas uma válvula de escape para frustração compensada pela difusão midiática, proporcionada pelas redes sociais na atualidade. Pense nisto.